

Entre papéis, ideias, sonhos e garrafas: notas sobre a aprendizagem em uma antropologia insurgente

Between papers, ideas, dreams, and bottles: notes on learning in an insurgent anthropology

Flavia Medeiros

Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Frederico Policarpo

Departamento de Segurança Pública, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Lenin Pires

Departamento de Segurança Pública, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Nesta homenagem, em forma de ensaio, compartilhamos reflexões sobre nossos respectivos processos de socialização enquanto antropólogos como um processo de transmissão disciplinar dentro de uma linhagem. Nesse texto, buscamos focalizar os elementos comuns que constituíram nossos respectivos processos de socialização e, ainda, que formam parte da maneira como a etnografia se tornou, para nós, uma prática adequada para produzir antropologia voltada aos impactos sociais duradouros em contextos de desigualdades críticas. Essa relação comum só foi possível no encontro que se deu ao longo do processo de aprendizagem antropológica, tendo Roberto Kant de Lima — o Kant, como costumamos falar —, como professor e orientador. A presença de Kant em nossas vidas foi um fator decisivo para que hoje nos encontremos, em termos profissionais e existenciais, comprometidos em atuar como antropólogos profissionais, fazendo da prática etnográfica uma maneira de compreender e teorizar sobre o que vemos e vivemos. Consideramos também que essa prática estimula o pensar, comprometidos com as missões cotidianas da universidade pública no Brasil, em prol do ensino, da pesquisa e da extensão — tripé fundamental das universidades. Em diálogo com as proposições conceituais, metodológicas e institucionais de Roberto Kant de Lima, reconhecemos seu legado e reverenciamos sua trajetória nessa breve homenagem.

Palavras-chave: Etnografia, Antropologia, Roberto Kant de Lima, Socialização acadêmica, Administração de conflitos.

Recebido em 7 de julho de 2026.

Aceito em 24 de agosto de 2026.



ABSTRACT

In this tribute, presented in the form of an essay, we share reflections on our respective processes of socialization as anthropologists as a process of disciplinary transmission within a lineage. In this text, we seek to highlight the common elements that shaped our respective socialization processes and that also form part of the way in which ethnography has become, for us, an appropriate practice for producing anthropology focused on lasting social impacts in contexts of critical inequalities. This shared connection was only made possible through our encounter during the process of anthropological learning, with Roberto Kant de Lima—Kant, as we usually call him—as our professor and advisor. Kant's presence in our lives was a decisive factor in why we now find ourselves, both professionally and existentially, committed to working as professional anthropologists, using ethnographic practice as a means of understanding and theorizing about what we see and experience. We also believe that this practice stimulates critical thinking, as we remain committed to the daily missions of public universities in Brazil—in support of teaching, research, and community engagement—the fundamental pillars of universities. In dialogue with the conceptual, methodological, and institutional proposals of Roberto Kant de Lima, we acknowledge his legacy and honor his career in this brief tribute.

Keywords: Ethnography, Anthropology, Roberto Kant de Lima, Academic socialization, Conflict management.

INTRODUÇÃO

Em que pesasse sua descrença inicial sobre as possibilidades de sucesso do nosso empreendimento de pesquisa e ensino de antropologia na UFF, logo que entrou em contato com os alunos e alunas, desfez-se de seu pessimismo. E, cercado de estudantes, inaugurou de pronto uma sequência ritual, como foi sempre seu costume. Após a aula, convidava-nos para almoçar com ele em frente ao campus, no Tio Cotó, onde saboreávamos, coletivamente, seu prato predileto naquele restaurante: uma bela picanha, que todos devorávamos, acompanhando-a com incontáveis copos de cervejas, enquanto ouvíamos suas sempre renovadas histórias e intervenções críticas (Kant de Lima, 2006, p. 38).

A epígrafe acima, da lavra do nosso amigo homenageado, descreve os momentos inaugurais de uma sólida e querida instituição, responsável por nossos encontros, formação e identidade profissional. Nela se encontram antecipados alguns elementos que buscaremos retratar como parte da experiência de nossa socialização acadêmica. É preciso igualmente adiantar que os nossos passos iniciais em seu interior foram dados de forma despretensiosa, ainda que não aleatória. Mas, como aprendemos, a metodologia corresponde ao caminho pelo qual se fazem os passos que constituem a trajetória. E caminhar juntos foi sempre, desde o primeiro momento,

a condição para um conjunto prazeroso de descobertas, conquistas e experimentações.

Esperamos ser os mais fidedignos possível em nosso testemunho sobre tal processo. E por se tratar este texto de uma homenagem, mas também do exercício de nossa saudade coletiva, por vezes dispensaremos o uso dos traquejos essencialmente acadêmicos. Por momentos, faremos citações e usaremos de certo formalismo; em outros, no entanto, adotaremos um tom de conversa, para o qual convidamos desde já o nosso leitor. Afinal, o intuito deste texto é dar a conhecer ou, dependendo do caso, reconhecer e rememorar as características, a personalidade, os afetos e os feitos de Roberto Kant de Lima.

Com ele aprendemos que a participação na vida universitária pode assumir diferentes caminhos. Em alguns casos, pode redundar em uma socialização essencialmente acadêmica. Isso significa, portanto, preparar-se para atuar em um mercado de bens simbólicos e materiais específicos, cuja compreensão pode demorar muito tempo para se adquirir (Bourdieu, 2007). Na citação que abre este artigo, Kant tratava da relação com o Professor Luís de Castro Faria, um dos decanos da disciplina antropológica no Brasil e idealizador do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa (NUFEP), na Universidade Federal Fluminense (UFF). Após a fundação do NUFEP, este se tornou “um celeiro de pesquisadores produtivos, trabalhando em caráter igualitário e multidisciplinar, tal como era seu desejo” (Kant de Lima, 2006, p. 39). Descrevemos e analisamos, neste texto, a nossa experiência específica no âmbito da Antropologia a partir desse encontro, com o intuito de colocar em evidência seus aspectos mais idiossincráticos.

Hoje, ao mesmo tempo em que nos entendemos enquanto profissionais dotados de responsabilidades e perspectivas pessoais, também nos reconhecemos como pertencentes a uma identidade profissional comum, compartilhando uma ética profissional¹ sobre o fazer antropológico. Iremos, portanto, refletir sobre nossos respectivos processos de socialização enquanto antropólogos como um processo de transmissão disciplinar dentro de uma linhagem (Peirano, 1990; Lima; Ratton, 2011; Fachinetto, 2020), buscando focalizar os elementos comuns que os constituíram e que compõem a maneira como a etnografia se tornou, para nós, uma prática adequada para produzir antropologia voltada aos impactos sociais duradouros em contextos de desigualdades críticas.

Frequentar a Universidade, sejam suas salas de aula, bem como âmbitos ordinários da convivência universitária, não configura, necessariamente, âmbitos decisivos para engajamentos mais duradouros em planos mais efetivos — e afetivos — de se estar no mundo.

¹ Um tema caro em suas pesquisas, para Kant era fundamental que um grupo profissional, qualquer que fosse, tivesse como um de seus capitais a sua ética. Frequentemente, quando queria criticar alguém, exclamava: “Não tem ética nenhuma!”.

Contudo, sem o saber, ao decidirmos estudar na Universidade Federal Fluminense, estávamos traçando uma jornada em comum: sermos orientados por Roberto Kant de Lima nos níveis de graduação, mestrado e doutorado². Passar pelo processo de aprendizagem antropológica com este Professor, o Kant, foi um fator decisivo para que hoje nos encontrássemos, em termos profissionais e existenciais, comprometidos em atuar como antropólogos profissionais, fazendo da prática etnográfica uma maneira de compreender e teorizar sobre o que vemos e vivemos e que estimula o pensar, comprometidos com as missões cotidianas da universidade pública no Brasil em prol do ensino, da pesquisa e da extensão.

O NUFEP

Os caminhos que nos levaram a esse encontro, embora sejam diversos entre si, representam a maneira de atuar que Kant desenvolveu e nos ensinou. Sempre ampliar as redes e promover novos diálogos. Oriundos de contextos distintos e movidos por interesses diversos, atendemos a diferentes estímulos e, pouco a pouco, nos vimos em sintonia em torno dos objetivos comuns de um núcleo de pesquisa³. De certa forma, os convites e indicações para os encontros com Kant demonstram que já estava em curso o movimento permanente de expansão da rede que desemboca no Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC), como descreveremos a seguir.

Como estudantes de graduação e, sobretudo, de pós-graduação, é evidente que

2 Fomos orientandos do Kant no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFF) em diferentes momentos, porém com experiências concomitantes. Lenin iniciou seus estudos sob orientação do Prof. Kant de Lima em 2003 no mestrado, e concluiu o doutorado em 2010. Frederico foi orientado no mestrado desde 2005 e concluiu o doutorado em 2013. Flavia foi orientanda de iniciação científica a partir de 2007, concluindo a graduação em 2009, o mestrado em 2012 e o doutorado em 2016. Todos os três também tiveram bolsas de pós-doutorado supervisionadas pelo Kant, assim como passaram por períodos de bolsista de Pós-Doutorado ou Apoio Técnico (AT) também sob supervisão deste Professor.

3 No final de 2001, Lenin chegou ao NUFEP por meio de um convite de nosso colega Ronaldo Lobão, a quem substituiu como coordenador administrativo do núcleo. Seu objetivo era, tão somente, afastar-se da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde era técnico de química, e concluir sua graduação em ciências sociais naquela mesma universidade. Frederico, por outro lado, que também estudou no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), passou a participar do NUFEP a partir de 2004, por sugestão de Marco Antonio da Silva Mello, que foi seu professor na UFRJ. Flavia, por sua vez, chegou em 2007, por meio do convite formulado por Edílson Márcio de Almeida, à época professor substituto da UFF e pesquisador do NUFEP. Em sala de aula, este convidou a turma de Antropologia 3 do Curso de Ciências Sociais da UFF para participar de reunião sobre um projeto de extensão que visava à realização de um diagnóstico e plano de segurança pública no município de São Gonçalo. Com ela chegaram também Romulo Labronici e Vitor Hugo Barreto, também doutores em Antropologia pelo PPGA/UFF. Meses depois do ingresso na equipe do projeto, se candidatou - e foi selecionada - para uma bolsa de iniciação científica vinculada a bolsa de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de Kant.

frequentamos disciplinas variadas, o que faz com que diferentes professores tenham aportado informações importantíssimas para nossa formação. Contudo, para além destes espaços ordinários, todos frequentamos as reuniões semanais do NUFEP, lideradas pelo Kant, nas tardes de segunda-feira. Foi ali, com o passar dos anos, que contribuímos para o desenvolvimento dos projetos, alguns já instituídos e outros tantos mais, dos quais participamos da elaboração, implementação, realização e conclusão. Ao participar da rotina de um grupo de pesquisa altamente produtivo e engajado, fomos forjados por um conjunto específico de disposições, valores, hábitos e práticas que caracterizam um ethos acadêmico que se contrapõe a práticas autoritárias, excludentes e elitistas.

Frequentar núcleos ou grupos acadêmicos de pesquisa não é parte da experiência de todos os estudantes. A maioria não o faz, seja por desinteresse, por falta de conhecimento ou por indisponibilidades variadas. E mesmo aqueles que o fazem, não costumam dispor de um espaço que se reúne com regularidade todas as semanas — religiosamente, às segundas-feiras, como foi o nosso caso. O ritual era muito simples; embora a presença fosse obrigatória, a fala não era exigida em todas as reuniões. Cada pesquisador tinha o tempo de fala reservado, mas podia dispensá-lo quando chegava sua vez, deixando explícito que a socialização se constitui por adesão, não por obrigação.

Também não é comum que seja um âmbito onde estejam debatendo, em igualdade de condições, graduandos nos mais variados estágios de sua formação, pós-graduandos nos níveis de mestrado e doutorado, bem como técnico-administrativos, servidores terceirizados, professores, pesquisadores, entre outros atores que compõem o tecido social da universidade. Esta premissa está lavrada em regimento, elaborado por Castro Faria, com fundação em julho de 1994:

A razão dominante é criar nova forma de relacionamento de membros do corpo docente e discente, sem nenhuma subordinação aos preceitos da atividade acadêmica regular. Na academia as relações são hierarquizadas — hierarquias de graus, de titulação e de funções; são rotinizadas — currículos, disciplinas, calendário escolar, horários, reuniões de colegiados — e conseqüentemente, as formas de relacionamento que se efetuam no espaço acadêmico estão predeterminadas e são burocratizadas. A proposta em causa é de superação de todas essas injunções, de rompimento de barreiras formais pré-estabelecidas, da fundação, enfim, de *uma nova forma de relacionamento, num novo espaço*, na academia mas independente das suas rotinas e ordenações (Castro Faria, 1994 *apud* Kant de Lima, 2006, p. 30-31, grifos do autor).

Nas reuniões, cada um falava do tema relacionado aos seus interesses de pesquisa, seja como um plano de intenção, seja atualizando informações sobre projetos em andamento, relatos de trabalho de campo, participação em congressos acadêmicos, e escrita. Em virtude

disso, não havia conflito algum em tratar de temas políticos, colocados na conjuntura nacional, internacional ou local, que pudessem ter efeitos sobre os estudos relatados. Ou ainda, aqueles assuntos próprios da rotina universitária, como burocracias, prazos, projetos e demais assuntos. E todos ouvíamos, com interesse, tanto etnografias com surfistas e pescadores que conflitavam em uma praia de um balneário famoso, quanto sobre as maneiras como membros do Ministério Público Federal disputavam com defensores públicos, peritos e outros atores, no Judiciário, os processos de construção de verdade judicial. Afinal, em foco estavam os processos com os quais, institucionalmente, os conflitos podem ser administrados, construindo as bases com que a nossa ou outras sociedades engendram suas lógicas de reprodução.

Embora tenha sido pensado, enquanto espaço acadêmico, por Castro Faria (1994 *apud* Kant de Lima, 2006, p. 30), na prática, ele foi delineado e concretizado como um ambiente original para a formação profissional de antropólogos por Roberto Kant de Lima. Afinal, desde o início ele esteve na sua composição e em 1998 assumiu sua coordenação executiva. Sentado à cabeceira daquela mesa retangular, como um mestre em sua canoa, e ladeado por nós, seus orientandos e alunos, através de uma confusão nada linear de cadeiras, ele fazia daquela sala de dimensões pouco generosas uma nau bastante potente. A partir dela navegávamos por horas, sobre aqueles assuntos tão díspares quanto reveladores da complexa trama social que, enquanto cientistas sociais, somos levados a desvelar.

Assim, fomos introduzidos à compreensão de como se faz pesquisa no país, em especial nas ciências humanas, onde os recursos oscilam entre a escassez e a obsolescência. Um conhecimento valioso que nos foi passado é sobre a natureza e a importância do trabalho administrativo. Logo, ao atuarmos como bolsistas, aprendemos ali a valorizar o trabalho desempenhado por um segmento muitas vezes invisibilizado, quando não depreciado, que é o técnico-administrativo. Em especial, aqueles que realmente se envolvem no dia a dia da instituição, sejam funcionários públicos efetivos, sejam empregados terceirizados. Com eles, aprendemos, por exemplo, sobre as espacialidades e temporalidades dos processos administrativos, bem como sobre aspectos relacionados à maneira como se instituem enquanto artefatos que produzem efeito na vida institucional. Em especial, aqueles que carregam em seu interior um dispositivo que, enquanto forma de conhecimento, teríamos que aprender a manipular bem tanto no plano prospectivo quanto no executivo: o projeto.

Dominar a arte de projetar e, sobretudo, realizar seus delineamentos, como Kant nos ensinou, é saber que os mesmos concretizam um plano de intenção paralelo, que ganha o mundo na forma de editais. Inúmeras vezes, o NUFEP foi acusado de ser um grupo que atuava em prol da “mercantilização” do conhecimento científico, como diziam alguns estudantes insuflados

por professores igualmente desinformados. Contudo, elaborar e apresentar projetos não era um modo apenas de trazer recursos para um âmbito marginal do campo científico, mas, sobretudo, uma forma de dar tradutibilidade a anseios e demandas de grupos sociais que buscavam, na universidade, parcerias para suas inquietações e necessidades de mudar a realidade social. Foi assim que encaramos o desafio de projetar estudos sobre territórios quilombolas, conflitos pesqueiros, lutas sociais pela regulação da maconha medicinal ou da prática da camelotagem, sobre demandas de vítimas da violência policial e sobre laudos periciais em casos de mortes violentas, entre tantos e tantos assuntos. Em seus múltiplos enunciados, embalaram nossa imaginação institucional e, em lugar de nos transformar em generalistas, nos forneceram os elementos para conceber os conflitos sociais como artífices de ordenamentos preponderantes frente à mitificação estatal.

O projeto, além de representar essa parceria entre a universidade e nossos interlocutores, servia também como ferramenta de socialização acadêmica, em prol da captação de recursos materiais e profissionais fundamentais para o grupo. Assim, era incentivada a participação de pesquisadores ingressantes na elaboração de projetos de cooperação internacional — como o Capes-Cofecub, Capes-FCT, Capes-Conicet, Capes-MINCyT, CAPES-SPU ⁴ etc. — além de editais consolidados das agências de fomento, como o CNPq, com o objetivo de garantir o acesso a bolsas-sanduíche e a missões no exterior. Todos nós participamos das discussões e da elaboração de projetos internacionais ainda enquanto estudantes de pós-graduação. O objetivo era prático e objetivo, como tomar ciência da importância dos documentos anexos, dos prazos dos editais e das plataformas de submissão, e também teórico e conceitual, uma vez que exigia a formulação do problema de pesquisa baseado na perspectiva comparativa contrastiva, destacando as especificidades culturais dos países em diálogo. A reflexão sobre a comparação era iniciada, portanto, já na fase de elaboração do projeto.

Foi assim que nós três, através da recepção de bolsas sanduíche, realizamos estudos comparados em outras sociedades durante nossos processos de formação, um de nós na

4 Tratam-se de programas internacionais de cooperação acadêmica coordenados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com agências de fomento e pesquisa de outros países, destinados a apoiar projetos conjuntos de pesquisa, intercâmbio de docentes e discentes, formação de recursos humanos e internacionalização da pós-graduação brasileira. No caso, CAPES-COFECUB refere-se à cooperação com o *Comité Français d'Évaluation de la Coopération Universitaire et Scientifique avec le Brésil* (França); CAPES-FCT, à cooperação com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal); CAPES-CONICET, à parceria com o Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Argentina); CAPES-MINCyT, à cooperação com o Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación (Argentina); e CAPES-SPU, à parceria com a Secretaría de Políticas Universitarias (Argentina).

Argentina, outro nos Estados Unidos, e outra de nós em ambos os contextos⁵. Neste processo, quando nos atiramos ao mar da pesquisa internacional, tínhamos já clareza, conforme Kant sempre enfatizava, de que os estudos comparados constituem um dos instrumentos centrais da tradição antropológica: “não adianta só se deslocar, é preciso se descolar”, foi uma das lições por ele deixada quando nos preparávamos para uma das viagens. É por meio do exercício de *se descolar*, que somos levados a estranhar aquilo que tende a ser percebido como natural em nossa própria sociedade. Nosso propósito, assim, era construir dados contrastivos sobre a sociedade que nos recepcionava para, concomitantemente, inverter o olhar clássico da antropologia — que historicamente se dirigia aos chamados “outros” —, para fixar em nossas próprias práticas acadêmicas, de produção da justiça e de administração de conflitos, tomando-os como objeto de investigação (Policarpo, 2016, 2020; Pires, 2013, 2019; Medeiros, 2014, 2016). Nesse sentido, a comparação não busca apenas identificar diferenças culturais, mas também revelar os pressupostos implícitos que organizam as práticas e os valores de instituições como a universidade, a justiça e a política.

Em *A antropologia da academia: quando os índios somos nós* (2011), Kant sustentou que, no caso da tradição política e jurídica brasileira, a comparação evidencia a coexistência de princípios frequentemente contraditórios. Enquanto o discurso oficial afirma valores universalistas, igualitários e republicanos, as práticas institucionais frequentemente operam segundo lógicas hierárquicas e particularistas. Assim, comparar o modelo do sistema jurídico brasileiro com outras tradições, especialmente as argentina e anglo-americana, permite demonstrar que categorias tomadas como universais — como igualdade perante a lei, cidadania ou devido processo legal — assumem significados distintos conforme os contextos históricos e culturais.

Desta forma, a contribuição da antropologia comparada é desnaturalizar essas formas de organização social e mostrar que o direito e a política não são apenas conjuntos de normas, mas expressões de sensibilidades morais (Eilbaum; Medeiros, 2016) e concepções de ordem social específicas. Portanto, constituem-se enquanto dimensões que estão para além dos tribunais, das casas legislativas ou dos palácios dos poderes executivos, presentes em contextos sociais dos mais diversos, e que ganham expressão através das performances de diferentes atores, de acordo com cada contexto. Um *dealer*, um perito-legista ou um guarda municipal podem se constituir em instância de decisão e de poder, conforme a situação exija. Essa perspectiva é fundamental

5 Lenin realizou doutorado-sanduiche na Argentina em 2007 com bolsa CAPES-SPU. Frederico desenvolveu doutorado-sanduiche nos Estados Unidos em 2011, com bolsa CAPES. Flavia realizou mestrado-sanduiche na Argentina em 2011, com bolsa Capes-SPU e doutorado sanduiche em 2015 nos Estados Unidos com bolsa CNPq.

e se coaduna com a crítica de Roberto Kant à tendência brasileira de importar modelos jurídicos estrangeiros, sem considerar as formas locais de produção e de administração dos conflitos. E esta é a essência da nossa socialização acadêmica e das etnografias que elaboramos e que, como professores, temos incentivado jovens pesquisadores a realizar. Quando aplicada aos contextos por nós investigados, essa forma de produção de conhecimento gera estranhamentos que organizam os argumentos de nossos trabalhos.

O TRABALHO EM REDE E A CRIAÇÃO DO INCT-INEAC

A internacionalização dos antropólogos na UFF não se configurou enquanto uma iniciativa fortuita, impulsionada de fora pelos órgãos de fomento. Ao ter estudado em Harvard, nos Estados Unidos, durante o seu doutorado em antropologia, Kant visualizou a importância de estudar contrastivamente outras sociedades. Os EUA têm uma forte inclinação para estudos comparativos, haja vista seus interesses neocoloniais e imperialistas.

Uma antropologia que pretenda descolonizar-se há que voltar seus olhos para outras sociedades que não o Brasil, num esforço deliberado de libertação e criação de novos conceitos e interpretações de nossa própria sociedade, na melhor tradição antropológica. Urge voltar nossos olhos para a Europa e para os Estados Unidos, enquanto campo privilegiado para o entendimento das raízes de nossa dominação cultural (Kant de Lima, 2011, p. 70).

Enquanto pesquisador de uma sociedade exposta ao jugo neocolonial, porém, ele buscou fazer com que nossa inserção institucional no exterior privilegiasse relações com grupos e instituições que refletissem a perspectiva contra-hegemônica com a qual estava comprometido. Assim, foi com a argentina Sofía Tiscornia, da Universidade de Buenos Aires, bem como com o angolano Edmundo Daniel Clímaco dos Santos, da Universidade de Ottawa, que ele estabeleceu os primeiros passos naquela direção. Mais tarde, se incorporaram a este esforço profissionais igualmente imaginativos e desafiadores do status quo, como foi Isaac Joseph, proveniente da Universidade de Paris X, bem como de outros colegas vindos da Universidade Nova de Lisboa, Agostinho Neto, em Angola, ou mesmo na Califórnia, onde a retomada de contatos com seus colegas George Bisharat, da Universidade da Califórnia, e James Ferguson, da Universidade de Stanford, abriu novas portas igualmente importantes.

Estes contatos internacionais foram incorporados, gradativamente, a uma rede nacional que já tinha sólida estruturação, com pesquisadores como Luís Roberto Cardoso de Oliveira (UnB), Maria Stella Amorim, (UGF), Lana Lage (UENF), entre outros, dando forma ao que foi chamado de Rede Internacional de Estudos Comparativos (RIEC), que participou de eventos

importantes como o Congresso Luso-Afro-Brasileiro nas edições de 2002 a 2009, bem como as Reuniões de Antropologia do Mercosul que ocorreram no mesmo interstício⁶. Em função da massa crítica, e com a chegada de novos parceiros⁷ a rede aprovou um projeto no âmbito do Programa Nacional de Centros de Excelência (PRONEX), que antecedeu a criação de um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC), aprovado em 2009 e tendo o Kant como coordenador geral⁸.

É importante destacar uma característica central dessa rede: sua articulação não é estabelecida entre indivíduos atrelados por relações pessoais, mas entre grupos de pessoas (professores, estudantes, técnicos e prestadores de serviços) que podem compartilhar as mesmas relações. Como sempre dizia Kant: “eu não mando em ninguém!”, de modo a deixar claro que a fonte da autoridade deve ser sempre acadêmica e, portanto, coletiva, e não personalista e individual. Logo, a autoridade é do argumento, ao contrário do que praticado no mundo jurídico, de que o argumento válido é o da autoridade — policial, judicial, ou qualquer tipo de distinção hierárquica que seja traduzida como poder (Foucault, 1974).

Nesse sentido, os que ocupam os lugares de coordenação, sempre de modo transitório, tem sua autoridade legitimada pelas práticas coletivas, pois têm o trabalho de abrir novas combinações e ampliar as possibilidades de relações. Frequentemente Kant fazia analogia da sua posição de liderança como coordenador com a da figura do chefe Nambiquara, descrito por Pierre Clastres (2003) ao analisar relações de troca e poder partindo da perspectiva de uma filosofia política ameríndia. A figura da chefia indígena se estabelecia por meio de uma estrutura na qual, em vez do chefe controlar a sociedade, seria a sociedade que controlaria o chefe. Assim, o líder teria a função de apaziguar conflitos e atuar de forma generosa, sendo privado de autoridade coercitiva, mas sendo obrigado a cumprir o papel de bom orador: aquele que faz

6 O doutor em sociologia e coronel da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, Jorge da Silva, intelectual e militante negro, enquanto comandante do Estado Maior daquela instituição, possibilitou na UFF a criação do Curso de Especialização em Justiça Criminal e Segurança Pública. Esta iniciativa acadêmica está na raiz de muitos dos empreendimentos que alimentaram e alimentam nossa rede. Da mesma forma, Marco Antonio da Silva Mello, companheiro de primeira hora do Kant, participou ativamente do processo que culminou no INCT-InEAC.

7 Para mencionar alguns, pesquisadores das Ciências Sociais, como Rodrigo Ghiringhelli Azevedo (PUC-RS), Jacqueline Sinhoretto (UFSCar) e Jorge Zaverucha (UFPE).

8 O Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos é um dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs), financiado por agências federais e estaduais de fomento à pesquisa, dedicado à produção de conhecimento interdisciplinar sobre administração institucional de conflitos, justiça, segurança pública, direitos, cidadania e formas de regulação social. Reúne pesquisadores de diversas instituições brasileiras e estrangeiras, promovendo pesquisas comparadas, formação de recursos humanos e cooperação científica nacional e internacional. Hoje é coordenado pelos antropólogos Lucía Eilbaum e Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, que também foram orientados por Kant, como nós.

discursos e compartilha com o grupo, por meio de palavras, seus ensinamentos. Afinal, “São muito mais sutis os caminhos do poder, e cabe a nós, antropólogos, explicitá-los como parte da vivência diária de nossas pesquisas” (Kant de Lima, 2011, p. 20). Logo, o objetivo central dessa dinâmica é evitar a desigualdade social e a centralização do poder, mantendo a liberdade e a autonomia de cada indivíduo.

Assim, de forma a proporcionar, de maneira generosa, um espaço coletivo de produção antropológica, no qual os conflitos eram reconhecidos e administrados, Kant passou a delinear sua malha antropológica e, desde Niterói, movimentar e gerar movimentos para várias partes do Brasil e do mundo. A “malha” é uma categoria que Kant começa a elaborar em sua etnografia sobre a polícia na cidade do Rio de Janeiro (Kant de Lima, 1995). Na tradução, em sua tese de doutorado, do termo *network* para o português, a opção pelo uso do termo malha ao invés de rede não foi aleatória: “usa-se o termo ‘malha’ ao invés de redes de relações, tradução habitual de ‘NETWORKS’, porque estas últimas têm como centro um indivíduo, que articula a rede, enquanto que em nosso caso as relações são comuns a todos membros da malha” (Kant de Lima, 1995, p. 69).

Por meio desta categoria, ele enfoca nas relações estabelecidas e, portanto, nos processos de conexão, voltando-se para os pontos pelos quais as relações são tecidas e mantidas. Tal abordagem distingue-se de forma analítica daquela atribuída pela Teoria Ator-Rede, na qual as redes (em inglês, *network*), teriam como centro de referência os actantes que articulariam as redes por meio de suas agências (Ingold, 2008). Na malha, as ações reverberam e tanto constituem como são constituídas pelas relações nas quais estão investidas, envolvendo e emaranhando pessoas, instituições e coisas de interesse em comum. Essa abordagem permite também explorar a dimensão material da noção de malha, que por sua maleabilidade implica uma análise pós-estrutural. Isto é, a malha não é uma forma estanque, mas se faz e produz efeitos distintos em cada contexto em que se manifesta. No caso etnograficamente descrito por Kant de Lima, sobre a Polícia Civil do Rio de Janeiro, a malha seria o conjunto de nós que amarra relações e produz o tecido que conecta práticas policiais e judiciais em um ethos corporativista. Em outros contextos — inclusive naqueles onde se faz a recusa da autoridade em prol da construção coletiva —, a malha serve como o construto teórico que permite vislumbrar o movimento e o crescimento, e as linhas que são tecidas nas relações (Ingold, 2016). E é ao longo delas que se deslocam pessoas, coisas e ideias.

Assim, compreendendo a rede de pesquisa que integramos como uma malha em contínuo movimento e crescimento, entendemos que, mais do que herdeiros de uma linhagem antropológica que possibilitou esses investimentos dos quais somos tanto resultado quanto

partícipes, somos seres que circulam ao longo dessas linhas de forma dinâmica. Ainda que sob o peso dos nós que nos atrelam em malhas burocráticas, corporativas e inquisitoriais, um dos ensinamentos que aprendemos com o Kant foi seguir atuando de forma criativa em nossos trabalhos, gerando uma antropologia insurgente, atenta às transformações da vida social.

O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO EM REDE

Outro investimento institucional do qual pudemos participar ativamente junto ao Kant, foi no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) instituído pelo governo federal em 2007 e que fomentou a criação de novos cursos de graduação. Na UFF, o departamento de antropologia desenhou os projetos de dois cursos, ambos dos quais Kant estava diretamente envolvido: o bacharelado em Antropologia e o bacharelado em Segurança Pública e Social. Na época, enquanto estudantes de graduação e pós-graduação, acompanhamos todo o processo de elaboração dos projetos político-pedagógicos dos cursos que, assim como as demais agendas de trabalho, eram compartilhados nas reuniões de 2ª-feira. À medida que os projetos ganhavam forma, também começaram as críticas e os questionamentos. Críticas essas que, por sua vez, se relacionavam a uma agenda mais ampla de oposição ao plano de expansão universitária. Foi neste contexto que o projeto do bacharelado em Segurança Pública e Social foi particularmente atacado e, por consequência, o próprio Kant, que liderava a proposta (Pires; Geraldo, 2022).

Ainda que elaborado a partir de um acúmulo crítico de anos de trabalho na formação de agentes de segurança pública e justiça, visando à qualificação do campo a partir da perspectiva reflexiva das Ciências Sociais e, em particular, da dimensão empírica e situada, fundamental para a Antropologia, o projeto foi rechaçado no âmbito do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF/UFF) por meio de uma articulação política que se deu de forma brutal e violenta, da qual Kant foi o principal alvo e que nós, de maneiras diferentes, também sofremos seus efeitos .

Estávamos em 2008, e no mesmo ano que internamente o projeto de criação de um curso de graduação foi adiado — voltaremos a esse ponto adiante —; outro projeto de vasta proporção e relevância foi gestado: a criação do já referido Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC), iniciado em fevereiro de 2009, a partir da aprovação no edital inédito lançado pelo CNPq para fomento de redes consolidadas de pesquisa a nível nacional e internacional. A partir do INCT-InEAC, que fora coordenado por Kant de 2009 até 2025, quando realizou sua passagem, os projetos coordenados

e articulados por ele se tornaram sede de uma densa malha de ações acadêmico-universitárias que envolvem pesquisa, ensino, extensão, inovação, difusão e comunicação científica, com foco nos temas de segurança pública e justiça e em processos de administração de conflitos .

Foi também após a rejeição do projeto do curso de Segurança Pública e Social no ICHF/UFF que acompanhamos Kant realizar um processo de transição de carreira. Como professor titular do departamento de antropologia da UFF desde 1995, ele se aposentou desse cargo e participou de novo concurso para o cargo de professor adjunto do departamento de Direito Público da Faculdade de Direito da UFF. Como bacharel em Direito, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1968, ele estava habilitado a concorrer à vaga para a qual foi o único aprovado, iniciando suas atividades naquele departamento em 2010. Foi como professor deste departamento que ele, com o apoio da equipe da qual fazíamos parte, reconfigurou o projeto, propôs e aprovou a criação do bacharelado em Segurança Pública, curso cuja primeira turma iniciou em 2012⁹.

A partir deste curso e, posteriormente, da criação do Departamento de Segurança Pública (DSP) na Faculdade de Direito, o processo de transferência de tecnologia social ganhou forma¹⁰. À medida que a rede de pesquisa, por meio do INCT-InEAC se fortalecia e expandia nacional e internacionalmente, na UFF eram as experiências de formação no curso de Segurança Pública e no Programa de Pós-graduação em Antropologia que ancoravam a formação de recursos humanos qualificados a dar prosseguimento e atualizar os projetos. Assim, no âmbito do DSP, participamos como professores com diferentes vínculos: Lenin Pires foi o primeiro professor aprovado em concurso público para este departamento; Frederico Policarpo e Flavia Medeiros foram professores colaboradores voluntários desde a primeira turma; posteriormente, Flavia foi, por duas vezes (2014 e 2018/2019), professora substituta do DSP, e Frederico, que era professor adjunto do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR/UFF) em Angra dos Reis, realizou sua transferência para compor o DSP, em 2018. Diante da maturidade e do crescimento exponencial da força de trabalho, outras duas etapas de institucionalização ocorreram. A primeira delas veio com a aposentadoria compulsória de Kant, ao completar 70 anos, em novembro de

9 Particular relevância teve a atuação do nosso colega Ronaldo Joaquim da Silveira Lobão, então professor naquele departamento, que articulou as condições políticas envolvendo o colegiado departamental e da Faculdade para que a empreitada fosse exitosa.

10 O processo de reelaboração do projeto pedagógico envolveu todo o NUFEP, primeiro a partir das reuniões como descrevemos. A partir delas foram realizadas plenárias de discussões, onde debatemos projeto acadêmico e pedagógico, ementários de disciplinas e bibliografias. O esforço também incorporou professores da Faculdade de Direito, que aportaram sugestões valiosas para que a proposta tivesse uma maior afinidade eletiva aos contornos institucionais daquela unidade acadêmica. A relatoria do processo coube ao Lenin Pires, experiente na composição destes artefatos desde sua atuação no movimento político e sindical.

2014. Com o fim de seu vínculo como servidor docente da UFF, que durou quase 45 anos, iniciou-se uma nova etapa.

Em 2014, foi criado o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Administração de Conflitos (NEPEAC), vinculado diretamente à Proppi - Pró-reitoria de Pesquisa, pós-graduação e Inovação da UFF, pela qual Kant havia sido responsável anteriormente. O NEPEAC passou a ser a sede do INCT-InEAC e iniciou-se sob a coordenação de Kant, como forma de manter seu vínculo como pesquisador da universidade e coordenador da rede de pesquisa. A rotina de trabalho, que antes era sediada no NUFEP, passou para o NEPEAC, com a manutenção das reuniões de 2ª-feira e com a ampliação das estruturas administrativas e do acervo de materiais bibliográficos. Também foi no âmbito do NEPEAC que se tornou possível a institucionalização do projeto de divulgação científica por meio da criação do Laboratório Estúdio Multimídia Multiusuário (LEMI).

Em 2017, como uma forma de reconhecimento da excelência acadêmica do INCT-InEAC, o Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense aprova a criação de uma nova unidade acadêmica, transformando o Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos no primeiro Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia formalmente institucionalizado no organograma das universidades públicas brasileiras. Considerando a iniciativa pioneira e a importância do histórico institucional destas atividades, esta nova unidade acadêmica passa a ser intitulada Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (IAC-UFF), sob a direção de Lenin Pires em sua primeira e segunda gestões.

Mais uma etapa é cumprida em 2018, quando é criado o Programa de Pós-Graduação em Justiça e Segurança (PPGJS), um mestrado acadêmico na área de Antropologia da CAPES, sob a coordenação de Frederico Policarpo. Dando prosseguimento ao caminho da institucionalização da pesquisa, o PPGJS tem o objetivo geral de formar mestres capazes de desenvolver pesquisas acadêmicas e suas aplicações na área dos processos de administração de conflitos, visando à promoção de inovações técnicas, tecnológicas e de serviços, do ponto de vista da interlocução entre Ciências Sociais e Humanas, mas firmadas no campo da Antropologia. Também deverão estar aptos para a produção e difusão de informação, bem como de tecnologias informativas em administração de conflitos. O diferencial deste curso é a sua inserção no campo antropológico, produzindo novos saberes e formas de produção de conhecimento nos estudos sobre Segurança e Justiça a partir da perspectiva interdisciplinar¹¹.

11 O PPGJS, em sua segunda avaliação, alcançou a nota 4 na avaliação quadrienal 2021-2024. Seu primeiro coordenador foi Frederico Policarpo, que retornou à função em 2025 tendo a antropóloga Gláucia Mouzinho como sua vice.

Durante todo esse período de relação, também acompanhamos e aprendemos com o nosso professor sobre a atuação acadêmica e política, bem como sobre a necessidade de expor nossas ideias e análises. Temos dado continuidade a práticas rotineiras no trabalho de um pesquisador como a participação ativa em GTs de seminários e congressos acadêmicos como a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), Anpocs; a atuação, em órgãos de gestão universitários e também associativistas, como a participação na Associação Brasileira de Antropologia; e na expansão da rede em articulação com parcerias nacionais e internacionais. De certa forma, responsáveis pelo nosso legado, fomos pioneiros na expansão e nucleação do NUFEP/InEAC através de concursos públicos para docentes em universidades federais. Para concluir, a seguir, trataremos de nossas atuações em continuidade com as lições deixadas entre papéis, ideias, sonhos e garrafas.

OS DIAS ATUAIS

Ter sido estudante de um reconhecido pioneiro dos estudos de sua área de conhecimento muitas vezes é acionado como um capital simbólico e uma forma de prestígio para acessar posições e acionar privilégios. Kant sempre atuou e reproduziu um ethos acadêmico que ia de encontro a essas práticas tradicionais na academia, buscando sempre valorizar o compromisso, a responsabilidade e a dedicação nas tarefas, projetos e formas de exposição de ideias. Incontáveis vezes ouvimos ele falar que na academia o que importa é a autoridade do argumento, aquele que está apoiado na pesquisa e diálogo acadêmico, e não o argumento de autoridade, que se baseia exclusivamente na posição social de quem o enuncia, como é comum nos debates dogmáticos e normativos. Dessa forma, ainda que se encontrem manifestações que valorizem essa relação por meio do contato — uma espécie de totemismo epistêmico —, entendemos que o que realmente importa é como hoje colocamos em prática aquilo que pudemos aprender e viver com ele.

Foi assim que individualmente cada um de nós, ainda que diretamente inspirado por suas pesquisas e escritos, acabou por desenvolver estudos etnográficos sob sua orientação em contextos relativamente originais. Junto a vendedores ambulantes de trens urbanos, a usuários de drogas e a peritos médico-legistas, exploramos as proposições analíticas desenvolvidas por Kant, mas, de forma criativa, desenvolvemos discussões sobre assuntos e contextos etnográficos particulares. Como orientador e professor de antropologia comprometido com a formação de antropólogos profissionais, Kant sempre nos estimulou a ir além, confiando na análise empírica, na descrição etnográfica e na exploração de problemas relevantes para os nossos interlocutores e colaboradores de pesquisa. Nossas pesquisas se relacionam com e complexificam os problemas

antropológicos por ele introduzidos, mas não visam sua mera reprodução. Ao contrário, implicam-se em refletir sobre seus conceitos, arcabouços teóricos e exemplos, e expandi-los. Pois, “o caminho para uma produção intelectual que seja sempre crítica de si mesma passa pela identificação desse modelo para agilizar sua capacidade criadora e original” (Kant de Lima, 2011, p. 70).

Atualmente, essa expansão se materializa na nossa atuação enquanto docentes e coordenadores de grupos de pesquisa. O Laboratório de Estudos sobre Conflito, Cidadania e Segurança Pública (LAESP), criado em 2012 e coordenado por Lenin Pires, inspira-se na metodologia inaugurada através do NUFEP para, com estudantes de diferentes carreiras e em momentos distintos de sua socialização, dedicar-se aos estudos sobre as relações entre conflitos, cidadania e segurança pública, em perspectiva comparada. O Núcleo de Pesquisa em Psicoativos e Cultura (PsicoCult) criado em 2017 e coordenado por Frederico Policarpo tem como objetivo reunir pesquisadores, professores e alunos que trabalham com o tema dos psicoativos em diferentes contextos, seja em ambientes urbanos, seja em ambientes tradicionais, com o propósito de descrever e compreender práticas de uso, produção, circulação e controle que cercam as substâncias e os praticantes. Finalmente, o Laboratório Universitário de Política, Direitos, Conflitos e Antropologia (LUPA), criado em 2023 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenado por Flavia Medeiros, atua de forma a expandir e consolidar a atuação em Santa Catarina, contemplando pesquisas etnográficas sobre segurança pública, direitos humanos, prisão, movimentos sociais e ciências forenses.

Também somos coordenadores de subprojetos no INCT-InEAC, fortalecendo a atuação em rede e promovendo pesquisas interdisciplinares. Assim, Lenin coordena o subprojeto “Mobilidades, Cidadania e Segurança: dinâmicas de circularidade em perspectiva comparada”, Frederico coordena o subprojeto “A política de drogas e seus efeitos”, e Flavia coordena o subprojeto “Perspectivas comparadas sobre ciências forenses e relações de poder na construção da verdade pericial”¹². Em todas essas nossas experiências, reproduzimos a perspectiva de trabalhar com nossos estudantes, compreendendo-os como potenciais pesquisadores que irão conosco, igualmente, ampliar o espectro do conhecimento disponível acerca dos processos de administração institucional de conflitos.

Nossa via pode ser a união desse caos interior ao grande e permanente caos exterior que nos desafia o intelecto e a emoção, para implodir os rígidos cânones da forma

12 Estes subprojetos fazem parte da 3ª edição do INCT-InEAC, vigente de 2025 a 2032. Seu projeto obteve o segundo lugar geral, entre todas as áreas de conhecimento, tendo o Kant a frente da proposta. Logo depois deste anúncio Kant veio a falecer. Hoje o INCT é coordenado por Lucía Eilbaum e Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, que foram seus vice-coordenadores nas edições anteriores.

acadêmica, seja ela qual for, produzindo um conhecimento inédito e politicamente eficaz na tão desejada transformação de nossa realidade social e cultural, afirmando nossa identidade única e contrastante, que nos faz índios e antropólogos, scholar e informantes, antropólogos e indígenas ou, definitivamente, nós mesmos, ANTROPÓLOGOS (Kant de Lima, 2011, p. 71).

Encaminhando para a conclusão deste texto, queremos enfatizar que todo esse processo de aprendizado que, suspeitamos, está longe de acabar, nos permite desfrutar de um processo de crescimento pessoal e institucional que proporciona uma grande satisfação. Não se trata aqui de naturalizar a ocorrência de ruídos ou conflitos, aqui e ali; mas, antes, sublinhar que o interesse em seguir juntos, dia a dia, no desenvolvimento de uma prática que sabíamos ser distintiva e única sempre constituiu não só o nosso máximo interesse comum, mas também fonte de um prazer um tanto inenarrável.

Por outro lado, como aconteceu com Kant em sua socialização, não nos faltou oportunidade de degustar picanhas, assim como pescados e outras iguarias, em variados ambientes onde o gosto pela comensalidade pudesse nos unir sem maiores constrangimentos. Situações em que também partilhamos da nobre tarefa de libertar gênios e espíritos abrigados em garrafas desalmadas, provenientes das mais variadas destilarias, vinícolas e cervejarias. Nestas ocasiões reiteramos o aprendizado de que há prazeres que não pertencem propriamente ao paladar, embora dele se sirvam para existir. São aqueles que nascem quando uma mesa deixa de ser apenas um móvel e se converte em território de encontro; quando a comida e bebida que se consomem junto e as opiniões que delas se têm, tornam-se gestos de reconhecimento mútuo. Naqueles momentos, com Kant, invariavelmente, incrementávamos os debates sobre nossas leituras socioantropológicas, como também semeávamos nossa memória institucional. Nomes como Castro Faria e Vagner Neves Rocha, por distintas razões e momentos, apareciam para nós como ancestrais incontornáveis em nosso alternativo panteão. O mesmo onde hoje figura, para nossa saudade, o próprio Roberto Kant¹³.

Neste nosso bosque particular, de onde pendem copas e garrafas, tratamos de outras texturas, para além das polpas de papel que ainda suportam, por enquanto, nossas ideias. Nele, os aromas e sabores deixam então de ser simples propriedades dos alimentos para se transmutarem em matéria sensível da memória compartilhada. Reunidos, compõem uma gramática afetiva por meio da qual uma coletividade aprende a reconhecer-se a si mesma. Comer e beber juntos

13 Entre nós, enquanto membros do INCT-InEAC, outros nomes podem figurar nesse panteão, dependendo dos resgates dos nossos demais colegas. Simoni Lahud Guedes, por exemplo, é um nome que pode ser igualmente incensado pelo brilhantismo de seu trabalho e por todo o aporte institucional que também nos serviu de suporte, seja no âmbito da graduação, seja na pós-graduação.

foi e é, nesse sentido, a celebração de uma fraternidade que é particular em sua afetividade, e pública em sua vocação. Que dispensa maiores ritos e solenidades, muitas vezes transformados em ritos de separação, para encontrar na simplicidade do cotidiano, e na reincidência dos risos e sorrisos, uma força extraída da potência dos pequenos rituais da convivência.

O prazer da comensalidade, aprendido com Kant, assim, não reside apenas naquilo que se ingere, mas na certeza silenciosa de que, ao redor da mesa, os corpos (e os copos) se afinam, as histórias se entrelaçam e uma instituição deixa de existir apenas como norma ou estrutura para ganhar espessura humana. É nesse delicado tecido de aromas, gostos e presenças que uma forma particular de ser, como aquela que reconhecemos uns nos outros, encontra sua expressão mais eloquente: não como conceito abstrato, mas como experiência vivida, na qual o prazer de estar junto se converte, ele próprio, em uma ética do fazer e do pertencer.

Por tudo isso, Kant, nosso amigo, muito obrigado!

REFERÊNCIAS

1. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
2. CLASTRES, Pierre. Troca e poder: filosofia da chefia indígena. *In*: CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 43-63.
3. EILBAUM, Lucía; MEDEIROS, Flavia. “Onde está Juan?”: moralidades e sentidos de justiça na administração judicial de conflitos no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 41, n. 1, p. 9-33, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.1530>. Acesso em: 23 jul. 2026.
4. FACHINETTO, Rochelle; MADEIRA, Lígia Mori; AQUINO, Jania Perla Diógenes de; GELISKI, Leonardo . As linhagens de descendência acadêmica dos pesquisadores “pioneiros” nos estudos sobre violência, crime e justiça criminal no Brasil (1970-2018). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 91, p. 1-39, 2020. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/500>. Acesso em: 23 jul. 2026.
5. FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC, 1974.
6. INGOLD, Tim. When ANT meets SPIDER: Social theory for arthropods. *In*: KNAPPETT, Carl; MALAFOURIS, Lambros (ed.). **Material Agency**: Towards a Non-Anthropocentric Approach. Boston: Springer, 2008. p. 209-215.
7. INGOLD, Tim. **Lines**: A Brief History. New York: Routledge, 2016.

8. KANT DE LIMA, Roberto. **A antropologia da academia**: quando os índios somos nós. 3. ed. Niterói: EdUFF, 2011.
9. KANT DE LIMA, Roberto. A presença de Castro Faria na Universidade Federal Fluminense (1993-1998): uma perspectiva afetivo-institucional. In: CASTRO FARIA, Luís de. **Antropologia - escritos exumados 3**: lições de um praticante. Niterói: EdUFF, 2006. p. 29-46.
10. LIMA, Renato; RATTON, José (org.). **As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2011.
11. MEDEIROS, Flavia “Presentel!”: um olhar etnográfico sobre o lugar social dos mortos em Buenos Aires. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 37, p. 319-338, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41615>. Acesso em: 23 jun. 2026.
12. MEDEIROS, Flavia. “We the black people” : um percurso etnográfico sobre direitos, violências e demandas públicas na Baía de São Francisco, Califórnia - Estados Unidos. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, n. 41, p. 391-419, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41841>. Acesso em: 23 jun. 2026.
13. PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. Os antropólogos e suas linhagens. **Série Antropologia**, Brasília, n. 102, 1990.
14. PIRES, Lenin dos Santos. Entre notas e moedas: trocas e circulação de valores entre negociantes em Constitución. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, p. 149-178, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000100007>. Acesso em: 23 jun. 2026.
15. PIRES, Lenin dos Santos. Transportes públicos, cidadania e política: grandes eventos e ‘globalização’ no rio de janeiro. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 13-29, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/23109/20901>. Acesso em: 23 jul. 2026.
16. PIRES, Lenin dos Santos.; GERALDO, Pedro Heitor Barros. Quem tem medo da segurança pública? Os desafios políticos e pedagógicos do desenvolvimento dos cursos de segurança pública e social da Universidade Federal Fluminense. In: CAMPOS, Marcelo da Silveira; FAISTING, André Luiz; OLIVEIRA, Esmael Alves de; SILVA, Marcos Antonio da (org.). **Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas**: Temas Emergentes. v. 1. Curitiba: CRV, 2022. p. 27-46.
17. POLICARPO, Frederico. **O consumo de drogas e seus controles**: uma perspectiva comparada entre as cidades do Rio de Janeiro, Brasil, e de San Francisco, EUA. Rio de Janeiro: Consequencia Editora, 2016.
18. POLICARPO, Frederico. **Os usuários de drogas na justiça**: uma etnografia do

Programa Justiça Terapêutica da Vara de Execuções Penais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

Flavia Medeiros

Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4824-160X>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Redação, Revisão. E-mail: flavia.medeiros@ufsc.br.

Frederico Policarpo

Professor de Antropologia no Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0162-390X>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Redação, Revisão. E-mail: fredericopolicarpo@id.uff.br.

Lenin Pires

Professor Associado do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8250-467X>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Redação, Revisão. E-mail: leninpires@id.uff.br.